

Aqui – possibilidades e impossibilidades no olhar a Arte

Nelson Ricardo



Esse trabalho foi apresentado como parte da dissertação de mestrado em artes visuais (IARTES/UERJ) que teve como nome *A Visualidade Possível*.

O objeto *Aqui* faz uso da extrema semelhança aparente com um objeto cotidiano – no caso, um par de óculos escuros – para poder desencadear o processo reflexivo/dialético. O estranhamento se dá imediatamente pelo fato de que esses *óculos* são espelhados para dentro e escuros, totalmente negros – no caso, *cegos* – se vistos de fora para dentro, definindo um objeto fechado em si mesmo.

Como numa brincadeira de cabra-cega, a experimentação, ou seja, a ação de colocar esses *óculos* sobre os olhos, é seguida de uma *sensação de vertigem*, algo próximo à perda de estabilidade ao se deixar de ver o espaço externo. De início, as lentes espelhadas internamente (côncavas), refletem uma visão invertida do espaço e do observador que se aproxima; apenas quando já bem próximo do rosto, por um breve momento, essa imagem se re-inverte

gravitacionalmente e tudo parece assentado como “deveria ser”. Apenas uma única presença: nossos próprios olhos frente a eles mesmos. Toda estabilidade do mundo seria relativa à nossa visão pessoal? Segundo Merleau-Ponty, é como se o mundo e as coisas do mundo perdessem em substância ao se desfazerem visualmente através de uma experiência da privação do visível. Comentando um episódio de perda de referência ao caminhar à noite por uma estrada completamente às escuras, o artista Tony Smith disse: *ali onde estou, ali de onde olho, não vejo nada*. Parafraseando-o, eu poderia dizer: *aqui onde estou, aqui de onde olho, não vejo nada*.

O impedimento ao olhar nos provoca o desejar olhar. O objeto *Aqui*, ao vedar o acesso dos olhos – com a visão desses mesmos olhos – às coisas do mundo, desencadearia esse jogo ambíguo e rítmico que alterna possibilidades sem nunca se fixar em nenhuma delas.

A solidão e o afastamento do ali se presentificariam, incomodamente, com a única companhia verificada *Aqui*: eu comigo mesmo. A vertigem vinda dessa surpresa, de fato provocaria um “perder o chão”, uma perda referencial de um possível domínio sobre o mundo e de alguma certeza da própria palpabilidade do mundo.

O quanto de dessemelhante é necessário para desencadear a operação de perda e, conseqüentemente, o processo dialético do ver e ser visto. O semelhante aciona o dessemelhante e os lugares nesse jogo se alternam ritmicamente.

A ausência que presentifica, a visualidade seria muito mais que o simples abrir os olhos, esses espelhos que recolhem indiferentemente tudo aquilo que passa ao largo.

Justamente por ser dialético, esse vêr faria urgente e necessário o *ser visto*, o ter pelo que ser visto, o haver o outro e até mesmo o sê-lo. Objetos para o olho gerar contato, pois que a lógica do excesso levaria à cegueira no tanto a que olhar. O impedimento desse mesmo olhar constituiria a abertura ao desejar ver.

Cisão aberta e instaurada a partir de um lugar inquieto e ambivalente, incompleto e que busca ser inteiro em sua necessária incompletude; que possibilita o movimento incessante de ir e vir, de jogar e recolher. Ambigüidade assumida e revelada, o fechar os olhos para melhor ver estaria de igual para igual com o se trancar por dentro para acionar a alteridade.

Basta que se retirem os óculos para que tudo se reconfigure – mas isso de fato se dá ou o visível finalmente se quebrou e *voou em pedaços*?

REFERÊNCIAS

– DIDI-HUBERMAN, Georges. *O que vemos, o que nos olha*. São Paulo: Ed. 34, 2005. Merleau-Ponty apud Didi-Huberman.

sobre o(a) autor(a):

Artista visual, professor universitário e pesquisador. Mestre pelo PPGARTES da UERJ.